

USARSKI, Frank. (Org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. 309 p. Coleção Repensando a Religião.

João Batista Libanio*

No horizonte da coletânea de trabalhos, está um estudo sobre as disciplinas que constituem a Ciência da Religião e alguns aspectos dela. O organizador é pesquisador do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC SP. Há esforço epistemológico para definir os campos dos diversos saberes da Ciência da Religião, distinguindo-os entre si e contradistinguindo-os da teologia. O tema tem-se tornado relevante, não somente por razões teóricas, mas também pela questão prática do ensino religioso nas escolas públicas. Que religião ensinar sem ser confessional? O presente livro oferece subsídios para o duplo objetivo de tornar mais claros a natureza e o alcance interdisciplinar da Ciência da Religião e de assim ajudar pedagogicamente aos professores de religião nas escolas do Estado.

A obra anuncia-se como “fruto de uma discussão iniciada por integrantes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC SP sobre a forma adequada e os conteúdos pertinentes ao curso Introdução à Pesquisa em Ciências da Religião I”. Avançou-se em tais discussões para conversas, painéis e outras atividades acadêmicas.

Em debate amplo e diversificado, torna-se natural a diferença de posições. No entanto, F. Usarski, na Introdução, aponta unanimidade pelo menos sobre cinco aspectos intimamente relacionados.

1. Malgrado os diferentes nomes dados à Ciência da Religião – o singular e o plural ora afetam o termo Ciência ora Religião – e, embora o consenso não atinja a *estrutura interna* da matéria, contudo existe unanimidade sobre o caráter *pluralista*, conquanto *abordagem polimetodológica*.

* Doutor em Teologia (Gregoria-Roma) e professor da Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

2. Tal pluralidade vem da complexidade, multidimensionalidade do objeto e não da falta de reflexão metateórica nem de desinteresse por sua autonomia institucional.
3. Enquanto atua como Ciência integral das religiões, mostra sua competência e riqueza fenomenológica. Em diálogo com outras disciplinas e sua contribuição no nível do próprio saber, ela aprofunda o conhecimento sobre a religião e suas manifestações plurais.
4. Seu futuro depende do diálogo com suas matérias auxiliares e com disciplinas tradicionais de referência, e da abertura a discursos inovadores.
5. Do cientista da religião, em seu trabalho individual, espera-se que se envolva na dinâmica coletiva em vista de conhecimento integrado.

Na primeira parte, encontramos o estudo de quatro subdisciplinas clássicas da Ciência da Religião: a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia, seguindo as linhas de pesquisa predominantes no âmbito dessa matéria. Não se fez nenhum estudo da sua história. Nesse caso, entrariam em questão outras disciplinas como filologia comparada, etnologia. A omissão da filosofia da religião se deu por outra razão: os vieses ideológico, normativo, axiológico e não empírico de seu objeto, que ela tem assumido.

A história das religiões foi tratada por Eduardo Basto de Albuquerque. Ele apresenta um texto-itinerário. Objeto complexo. Ela já data, como estudo, de uns 200 anos, embora a abordagem histórica das religiões seja tão antiga quanto a própria história, remontando aos gregos Parmênides, Heródoto, etc., atravessando a Antigüidade cristã, os medievais e a modernidade das descobertas continentais até chegar aos nossos dias.

O século XX se faz herdeiro das grandes discussões teóricas e metodológicas sobre as relações entre religião e história do século anterior. A historiografia tradicional tratou a religião de três maneiras fundamentais: por meio da história das religiões sob dois grandes modelos, da história dos países em que a religião faz parte das instituições e relações com os Estados e da história da Igreja. Vieram então depois os Annales que renovaram a historiografia, aproximando-a da economia, demografia, psicologia, antropologia e sociologia a partir da década de 20. Aí estão nomes como Braudel, Duby, Le Goff. As obras de Bloch e Febvre consagram a noção de mentalidade. A historiografia eclesiástica tem seu lugar na reflexão, mas não artificialmente separável da história religiosa, já que ambas confluem para os mesmos campos, objetos

e talvez mesmas preocupações. O texto vai longe. Toca ainda a magia, a morte como objeto da história e termina com desafios e possibilidades da história das religiões. Recorre ao exemplo de Mircea Eliade, alude aos manuais de história das religiões traduzidos entre nós para concluir com a historiografia dos historiadores. Trabalhos de síntese, como este, ajudam a introduzir os leitores nos meandros da historiografia das religiões. Que sejam bem-vindos!

Bettina E. Schmidt trata da antropologia da religião. Esbarra logo com a plurissemia do conceito de religião. Opta por começar pela história acadêmica acerca do discurso sobre a religião nas universidades européias. No início, negavam-se quaisquer tradições religiosas dentro de culturas não européias. A A. traça uma história da antropologia da religião desde o período formativo, marcado pelas idéias evolucionistas do séc. XIX e do início do séc. XX e de corte intelectualista, passando pelo período classicista chegando ao período moderno, debatendo a idéia dos principais antropólogos. Após a Segunda Guerra, a era anticolonial, a antropologia da religião sofre mudanças analisadas nas obras de Evans-Pritchard, P. Worsley e do estruturalista Lévi-Strauss. A antropologia da religião hoje vive o período pós-colonial. Depois desse périplo histórico, a A. elucida conceitos-chave da antropologia, começando pela definição de religião em Geertz. Em seguida, trabalha os conceitos de símbolo, mito e gênero. Fecha o tema confrontando a antropologia com a globalização. A A. restringe na enucleação dos conceitos a antropólogos. Os conceitos de religião, de símbolo recebem na filosofia e na teologia aprofundamentos que a antropologia desconhece. Basta citar Paul Ricoeur, que trabalhou tão profundamente os símbolos.

A sociologia da religião foi abordada por Maria José Rosado Nunes. Reconstroi o pensamento sociológico na modernidade e seu impacto sobre a religião por força de visão racionalizada e secularizada. A sociologia interessa-se desde seus inícios pela religião. Os clássicos fundadores – Marx, Durkheim e Weber –, de modo diferente, enfrentam o problema da religião, fazendo dela objeto da ciência. O objeto da sociologia são as crenças e práticas religiosas, enquanto fatos sociais explicáveis por outros fatos sociais. Ela se interessa pelas relações entre religião e processos sociais, estudando o papel da religião nas diferentes sociedades e culturas, analisando o seu significado na história humana e identificando as forças sociais que a modelam e o seu papel na transformação dos processos sociais. Depois de tratar rapidamente dos três sociólogos maiores, citados acima, como fundadores da sociologia da religião, trouxe seu toque original, ao estender-se na abordagem feminista

crítica da sociologia da religião. Trabalho que a reflexão feminista vem desenvolvendo dentro do Cristianismo, de outras religiões e do próprio saber da antropologia da religião. Termina com a enumeração de temas atuais da religião e de estudos brasileiros no contexto contemporâneo.

Edênio Valle disserta sobre a psicologia da religião. Há milênios que a humanidade se põe a esclarecer a relação entre o psiquismo e a religião, desde pensadores do Oriente e da Grécia. O autor restringe-se, em tema tão vasto, a três pontos principais: traça, de início, a contextualização da psicologia da religião, as linhas principais da sua evolução histórica e breve apanhado da atual situação com os principais temas em discussão. A escolha é pertinente e clara.

Na contextualização, aparecem as tensões ora maiores ora menores entre a psicologia e a religião. Subjaz a elas a própria pretensão do saber psicológico imanente, objetivo e a natureza mística e transcendente da religião. De ambas supõem atitudes de abertura e de reconhecimento da autonomia e dos limites de seus saberes. Apresenta, em seguida, esboço histórico da psicologia da religião, desde a discussão sobre o seu próprio nome, passando pelos paradigmas presentes em tal evolução histórica até assinalar como ela acontece nos distintos países. Termina descrevendo a situação atual e os temas emergentes.

Numa segunda parte, estudam-se as subdisciplinas complementares da Ciência da Religião. F. Usarski ocupa-se da geografia da religião, fazendo um balanço da dimensão do espaço no contexto de estudos da religião. Os principais itens tratados dizem respeito às expressões primitivas do pensamento geográfico sobre a religião, o desenvolvimento conceitual da geografia da religião, a programática heurística da geografia da religião. Neste último ponto, analisam-se a disseminação das religiões no espaço, o impacto do ambiente sobre a religião e vice-versa com observações referentes à relevância empírica das construções geoteológicas sobre espaços supra-sensíveis, como o paraíso de um lugar-além e outras. Termina indicando as tendências e problemas recentes no âmbito dessa disciplina.

A estética da religião, trabalhada por Steven Engler, constitui outra subdisciplina complementar. Não é um campo de pesquisa bem definido, já que religião e estética são conceitos complexos. A estética na sua acepção clássica de estudo do belo ou algo semelhante tange também a área do sagrado, da teologia, das Ciências da Religião. O autor mostra a relação entre estética filosófica e religião, teologia e estética. Indica as trilhas da estética nas Ciências da Religião, analisando estudos sobre a beleza e o sagrado na produção científica. As Ciências da Religião têm ampliado suas fontes, ao estudar imagens, arquitetura, música, odores e gostos no

campo religioso. O estudo dos sentidos merece um parágrafo, por considerar a relevância do lugar dos sentidos nos fenômenos religiosos.

O nome pomposo – Estudos formais e modelos computacionais da religião de Raphael Shoji – inicia a terceira parte do livro, consagrada aos novos horizontes e antigas demarcações. A ciência da computação, como disciplina moderna, nasceu da combinação da engenharia eletrônica e de uma matemática especializada. A revolução tecnológica nesse campo tende a crescer e a atingir os setores do saber. O autor estuda o uso da matemática em modelos formais da religião (a partir da década de 1960), os dados metodológicos e os resultados até agora encontrados no estudo de religiões na internet (a partir da década de 1990) e o futuro da relação entre inteligência artificial e religião na perspectiva de um debate entre um animismo tecnológico e um pós-humanismo possível (a partir do século XXI). Estão aí desafios novos e imensos.

Outro estudo “Em busca de uma história natural da religião”, de Eduardo R. da Cruz, desenvolve novo paradigma no interior da Ciência da Religião que ultrapassa tanto as escolas fenomenológicas como as científico-sociais. Ele se assenta nos princípios e métodos darwinianos. Promissor e controverso. O autor constrói a reflexão, a partir de Darwin, de nova teoria da religião, oscilando entre uma tendência monista e dualista. Estuda as reações de teólogos e cientistas da religião de caráter liberal ou fundamentalista em face das implicações de tal teoria, sem descuidar o contexto brasileiro.

“A teologia em diálogo com a ciência da religião” na pena de Afonso Maria Ligorio Soares fecha o livro. Teologia e Ciência da Religião têm tido relações. Soberania da teologia se vê ameaçada? Há muitos mal-entendidos nesse entrevero. Estudo cuidadoso e esperançoso que analisa diferentes aspectos do encontro entre teologia e religião na sociedade e no mundo acadêmico. Senti falta de maior explicitação da relação entre teologia e fé, não simplesmente como ato do teólogo, mas como elemento constitutivo fundamental da teologia na linha de Santo Anselmo: *fides quaerens intellectum*. O mérito do estudo consiste em mostrar as possibilidades de diálogo frutuoso entre ambas – Ciência da Religião e teologia –, apontando com clareza os óbices institucionais, ideológicos e acadêmicos e as aberturas existentes.

O livro no seu conjunto significa excelente mergulho na complexidade da Ciência da Religião. Serve de roteiro para estudos ulteriores pela dupla qualidade de apresentar de maneira excelente o *status quaestionis* de cada disciplina e as possibilidades e os desafios que hoje nelas encontramos.